



GT 05. Antropologia da Biomedicina

Coordenador(es):

Jaqueline Teresinha Ferreira (Instituto de Estudos em Saúde coletiva)

Ednalva Maciel Neves (PPGA/UFPB)

Sessão 1 - Biosaberes e biopolíticas

Debatedor/a: Débora Allebrandt (UFAL - Universidade Federal de Alagoas)

Sessão 2 - Adoecimentos, sistemas e cuidados em saúde

Debatedor/a: Cíntia Liara Engel (UnB)

Sessão 3 - Narrativas de parto, violência obstétrica e outras afetações

Debatedor/a: Jane Araújo Russo (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Este Grupo de Trabalho dá continuidade ao diálogo iniciado na III Reunião de Antropologia da Saúde, realizada em Natal/2019, desvelando uma experiência rica de pesquisadores brasileiros que apresentaram etnografias com temas instigantes calcadas em técnicas de pesquisa já consagradas e /ou inusitadas e questões reflexivas de pesquisa. Assim, a proposta é ampliar e aprofundar essa discussão a partir de trabalhos etnográficos sobre a medicina ocidental, a biomedicina, como campo de investigação, envolvendo a produção de conhecimento e tecnologias biomédicas, assim como seus efeitos na experiência coletiva e pessoal. Desta forma, o enfoque é sobre a complexa trama contemporânea do bio: mercados, tecnológicas, interpretações, apropriação de saberes e práticas, direitos e ativismos. Dentre as reflexões, pensamos em dialogar acerca: construção do saber profissional sobre o corpo, definições sobre saúde e doença, questões éticas relacionadas às biotecnologias, cuidado humanizado, comportamentos dos/das pacientes em relação à busca de diagnósticos (testes genéticos, diagnósticos por imagens) e tratamentos (tecnologias reprodutivas, cuidados paliativos) relação médico/a-paciente e diálogos com outras racionalidades terapêuticas. Igualmente contamos com os aspectos políticos, econômicos e éticos que podem animar esses debates.

?Se não pôr a mão no paciente, não faz diagnóstico?: relatos etnográficos da atenção às pessoas com hanseníase em Cuiabá ? MT

Autoria: Lidiane Mara de Ávila e Silva (UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso), Jaqueline Terezinha Ferreira

A hanseníase é uma doença infecciosa, transmissível, que afeta os nervos periféricos e provoca alterações na sensibilidade, principalmente das mãos e pés, podendo evoluir para incapacidades físicas crônicas. Uma doença estigmatizante e politicamente negligenciada, predomina entre populações vulnerabilizadas no Brasil, onde foram diagnosticados, entre os anos de 2009 a 2018, mais de 300.000 novos casos e cerca de 20.000 pessoas com maior grau de incapacidade física. Principal estratégia de prevenção de incapacidades, o diagnóstico precoce ainda é um desafio aos profissionais e serviços de saúde no Brasil, pois sua realização depende de diversos aspectos como capacitação profissional, atuação das Unidades Básicas de Saúde na busca de casos e de constante vigilância à saúde. Neste estudo, analiso na perspectiva antropológica aspectos do diagnóstico de hanseníase em Cuiabá ? MT que, ao se referenciar predominantemente pelo modelo biomédico, vem negligenciando questões socioculturais, comprometendo um cuidado integral. Foi realizada uma etnografia multisituada com profissionais de saúde que atuavam na atenção às pessoas com hanseníase, em serviços de saúde de Cuiabá, entre os anos de 2015 a 2019. Por meio de observação



participante, foi possível identificar interpretações de saúde e doença, corpo, cuidado e cura. Na Atenção Básica, o diagnóstico, que é essencialmente clínico, baseado nos sinais, sintomas e história familiar, não vinha sendo realizado, por isso os casos suspeitos eram encaminhados à referência, configurando as "unidades silenciosas", UBS que não faziam diagnóstico. Quando realizavam, havia por parte dos profissionais certa dependência de exames laboratoriais que comprovassem a doença, mas em fases iniciais, os exames eram sempre negativos, comprometendo o diagnóstico precoce. Interpretações profissionais quanto ao "descuido com a higiene corpo" evocavam representações estigmatizantes que remetiam ao risco de transmissão da doença, afetando a relação de cuidado. Não raro, os pacientes eram responsabilizados por não saberem reconhecer os sintomas. Nos serviços de referência, o work de um médico chamava a atenção por priorizar o exame físico e a escuta dos pacientes. Palpar os nervos periféricos e observar manchas pelo corpo era sempre rotina, evidenciando que a formação não prescinde de "tecnologias". Neste contexto, a hanseníase era considerada um problema político e a negligência se expressava nas práticas de saúde, evidenciando um campo de forças que silencia problemas de saúde pública em razão do (des)interesse dos diversos agentes. Entre os profissionais que mais conheciam a doença, sua endemicidade, suas causas, seus sintomas e suas complicações, havia um olhar sensível e atento aos aspectos mais amplos do adoecimento.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: